

APRESENTAÇÃO

RECOMPONDO EXPERIÊNCIAS EM NARRATIVAS

É que há perguntas que não podem ser dirigidas às pessoas, mas à vida.
Mia Couto².

Este dossiê – “Recompondo experiências em narrativas” – reúne pesquisas e análises em torno das dimensões epistemológicas, conceituais e transdisciplinares que perpassam a composição de uma trajetória de uma vida, por meio da escrita literária. Uma guia que seguimos foi a de ofertar, às leitoras e aos leitores, um conjunto de textos capaz de apresentar a amplitude do campo das narrativas e das experiências, seguindo, por outro lado, algumas paragens afins entre os textos que, por sua vez, permitiram estabelecer conexões entre os variados trabalhos que compõem este número da Revista Entrelaces. Pensamos o texto literário como um fio de recomposição da vida, entrelaçado com outras formas narrativas tais quais as biográficas, autobiográficas, fotográficas, pictóricas e memorialistas.

Os fios narrativos são aqui pensados como rastros (Carlo Ginzburg), possíveis restos (Jeanne Marie Gagnebin), que nos permitem ler a vida, as suas grafias, aqui compreendidas, não apenas restritas à vida de um indivíduo, como também abertas à vida de uma cidade, de um fato, de humanos e não humanos.

Os rastros em Ginzburg³ (1989, p. 149), não são apenas a possibilidade de seguir pistas, mas uma forma de saber. Na arte pictórica, na literatura ou na psicanálise de Sigmund Freud, os indícios potencialmente podem ser um “método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores”.

Os restos, não menos importantes, permitem-nos reconstituir o vivido, por menor que seja o que sobrou das relações sociais, da história de um indivíduo, de uma cidade ou mesmo dos fios da história.

Na disciplina de *Narrativas, Grafias e Trajetórias*, na qual este Dossiê se originou, em 2021, refletimos sobre as condições epistemológicas ou mesmo arqueológicas do narrador. O que é narrar? Poderíamos indagar. Narrar é contar alguma

² COUTO, Mia. *O Último Vôo do Flamingo*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

³ GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

coisa a alguém. Mas como se dá esse processo e a partir de quais elementos essa narrativa se constitui? Este Dossiê busca se debruçar por diferentes caminhos diante desses questionamentos.

Durante a disciplina tomamos alguns exemplos. Entre eles, destaco dois da fotografia.

Um deles o trabalho de fotojornalismo de Fred Ramos, fotógrafo de El Salvador, vencedor do prêmio *World Press Photo*, na categoria Cotidiano em 2014. Por meio da série: *The Last Outfit of the Missing*⁴, busca recompor a história de pessoas desaparecidas em El Salvador, Honduras e Guatemala, a partir de suas últimas peças de vestuário encontradas pela Polícia Forense. A partir do trabalho dos antropólogos forenses do Instituto de Medicina Legal, os pedaços de roupa são a única forma de identificar as vítimas e o meio para que as famílias possam reconhecer seus parentes, auxiliando-as, de algum modo, em seus processos de elaboração de luto.

O outro trabalho que destacamos é uma reportagem depois do trágico desastre ambiental e social de Mariana, em Minas Gerais, em 2015, que relatou a história do fotógrafo Élcio Rocha⁵. Diante do desastre os moradores que perderam tudo, tiveram a chance de recuperar parte de suas memórias via trabalho dos fotógrafos da cidade, entre eles, o já citado. A pedido das vítimas, os profissionais e donos de estúdio, retomaram seus negativos antigos para reconstituir os álbuns de casamentos, batizados e festas de quinze anos dos moradores da cidade e seus subdistritos. Relatou o fotógrafo: "Estou muito feliz em saber que vou conseguir reconstruir parte da história de vida dessas pessoas. Tudo o que perderam eles conseguem adquirir de novo, mas memória a gente não imprime". Todo material, catalogado por nomes e datas foi doado para as pessoas que o procuraram. "Tudo que eu puder fazer para diminuir um pouco a dor dessas pessoas, vou fazer. Se esse tipo de recordação não tem preço para elas, para mim também não vai ter", relatou Élcio na entrevista (2015).

Nas duas situações, as imagens são formas de reconstituir as experiências. Elas evocam as memórias e se traduzem como textos a partir de fragmentos e restos que são potencialmente formas de reconstituição do vivido. Os narradores, a partir de suas

⁴ RAMOS, Fred. *The Last Outfit of the Missing*. Disponível em: <https://www.worldpressphoto.org/collection/photo-contest/2014/fred-ramos/3> Acesso em: 19. mar. 2014.

⁵ Fotógrafo recupera negativos e refaz memória de pessoas que perderam lembranças em tragédia. Disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/12/05/interna_gerais,714550/memoria-resgatada.shtml Acesso: 21. ago. 2017.

muitas origens neste Dossiê, ou na discussão clássica de Benjamin⁶ (1994), o marinheiro, o sedentário ou mesmo o moribundo permitem-nos mergulhar nas condições epistemológicas que tornam possível seus atos de narrar e a criação de suas narrativas.

A concepção de vida é inspirada nos escritos de Tim Ingold⁷ (2015), a saber, como um “mundo narrado”, linhas vitais, ou seja, o que enreda as relações é um incessante movimento que costuram um emaranhado de ações, que vincula pessoas e coisas nas suas existências e acontecimentos ou em suas trajetórias e histórias. Na literatura, as composições sgnicas, por meio dos enredos, nos devolvem e desvelam as vinculações individuais, mas também os contextos sociais e culturais, são tecidas neles, podemos assim dizer.

A imagem escolhida para a capa deste Dossiê foi feita em Chinchero⁸, no Peru, durante uma conversa com as mulheres artesãs do lugar, enquanto elas explicavam como produzem os fios para criação de seus trabalhos, a partir das diversas cores dos milhos da cultura andina, das cascas de árvores, parasitas dos cactos, folhas, fungos e pigmentos minerais e dos fios de lã de vicunha, alpaca e ovelha, para tecer em seus teares manuais, xalés, tapetes e mantas. Uma cultura recebida de suas mães e avós, na qual se tecem entre os dedos os fios coloridos e diversos da história em uma conversa ancestral.

Nos textos escolhidos para o dossiê, é saliente o modo como os *loci* das narrativas e experiências tocam a seara do espaço, da espacialidade, do território, em suas dimensões físicas, simbólicas e filosóficas. Em “A literatura e o espaço urbano: registros poéticos de Helena Kolody”, Rafael Zeferino de Souza aponta como, nos versos da poética de Kolody, a narrativa ganha contornos de inventividade, sem acionar a prosa explícita, por meio da firmação de uma paragem espacial e, no limite, geográfica. O espaço permite compreender, semântica e epistemicamente, como a narrativa em verso estabelece relações entre as experiências da escritora como seus lugares de pertença e com as afecções decorrentes das vivências situadas nestes

⁶ BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov; Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte In: *Magia e Técnica, Arte e Política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. 5ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 1).

⁷ INGOLD, Tim. *Estar Vivo*: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. – Petrópolis- RJ: Vozes, 2015. – (Coleção Antropologia).

⁸ Tecendo a História em Chinchero. Por Heitor e Sílvia Reali. 12 de agosto de 2018.

Disponível em: <<https://viagem.estadao.com.br/blogs/viagens-plasticas/tecendo-a-historia-em-chinchero/>> Acesso: 01. maio. 2022.

horizontes. Em uma franca e produtiva transdisciplinaridade entre o campo da literatura e o da geografia, Souza mobiliza alguns poemas de Kolody, para mostrar os vínculos e as forças narrativas e narratórias que vinculam a escritora à sua infância e aos espaços vivenciados como ancoragens existenciais. O espaço narrado, nos versos, revela lugar de significados complexos, por meio de registros poéticos de costumes, rotinas de existência, traços nostálgicos de outrora que se presentificam no ato de ler. Em sua poética, encontramos os vestígios dos espaços da saudade e da melancolia, mas também o de busca pela ancestralidade ucraniana, como encontramos o testemunho das transformações socioeconômicas nas cidades narradas onde nasceu e viveu.

José Roberto Araújo de Godoy nos apresenta, em “Resistir ao apagamento: testemunhando as existências confinadas de Stela do Patrocínio e Rogério Duarte”, as experiências de vida de Stela do Patrocínio e de Rogério Duarte por meio de uma análise das narrativas presentes em duas obras, a saber, “O reino dos bichos e dos animais é o meu nome” – uma série de depoimentos de Stela do Patrocínio coletada no fim dos anos de 1980, quando esteve internada na antiga “Colônia Juliano Moreira” no estado do Rio de Janeiro – e “A grande porta do medo” – testemunhos de Rogério Duarte, quando era preso político, pelo Regime da Ditadura Militar brasileiro, em 1968. O cruzamento entre narrativas e experiências de vida dá-se por meio de formas de espacialidade e territorialidade de exclusão, ou ainda, para usar a feliz expressão do texto, dá-se via escritas “em espaços confinados”. O autor nos mostra como as duas obras organizam a experiência de confinamento desdobrando-a como modalidade de resistência. “Como se diz passa a ser tão relevante quanto o que é dito.” Diante das imposições estruturais “relatar a si mesmo é o que resta a esse ser”.

Godoy nos apresenta alguns modos pelos quais há possibilidades de resistência, alcançadas por meio de partilhas e mediações, nas quais pessoas se dispõem a serem intermediárias no processo de presentificação e de visibilização de experiências traumáticas de terceiros. As narrativas ganham, por meio das e de través às experiências traumáticas, rastros que compõem relatos que legitimam existências, dando a elas espaços e visibilidades perante o longo processo violento de invisibilização, de confinamento e de cerceamento produzidos pelo Estado brasileiro, em dois casos distintos, mas, sobretudo, afins. O testemunho atesta a legitimidade da existência.

No artigo “Espaços em trânsito em Ferreira Gullar: exílio e pertencimento em *Rabo de foguete*”, Márcia Manir Feitosa e Thaisa Viegas de Pinho abordam os anos e as experiências de exílio do escritor Ferreira Gullar, durante a ditadura militar brasileira.

Os rastros e fios da narrativa de Gullar mostram, com saliência, os rastros deixados pelos anos após o Golpe Militar de 1964, e Feitosa e Pinho evidenciam como a memória, o medo, o trauma, o silêncio, o exílio compõem um espaço de habitação cuja transitoriedade e a não fixação tornam-se a regra para Gullar. As autoras mostram como Gullar revisita os “espaços transitórios através da memória” também são os espaços transitórios das constantes mudanças territoriais a que esteve submetido o escritor pelas ditaduras da América Latina na segunda metade do século XX. Porquanto, parafraseado Nougé, uma das qualidades semânticas do exílio assenta-se no que ele opera no plano do espaço, qual seja, seu espaço de significação não se restringe a um único lugar, antes, no mínimo, entre dois lugares, cuja realidade é a partida e, a um só tempo, a chegada: o trânsito em trauma como matéria-prima narrativa e como primazia do material literário.

O poema, ancorado no percurso exílico, salva-o. Nele o poeta inventa para si um outro destino, mesmo que transitório. Através de uma *géographicité*, o artigo desvela que entre a trajetória e a escrita poética estão os vínculos do poeta com sua terra, mas também os laços efêmeros que precisa criar nos espaços por onde transita, para que diante das pequenas mortes longe de seus vínculos de origem possam retornar e de algum modo novamente pertencer.

Por outro lado, Renato Bradbury de Oliveira, em “O uso narrativo do ‘infinito’ em *El libro de Arena* de Jorge Luis Borges”, desenvolve uma reflexão transdisciplinar entre o campo da literatura e o da filosofia, que aponta para o poder das desconstruções narrativas em narrativas que se valem do paradoxo, das ambiguidades, como tema e forma de seu afazer. De modo afim, é possível apontarmos a vocês, leitoras/es, que o tema da espacialidade, do espaço, cumpre também um papel pilar na análise de Oliveira e em sua percepção da narrativa em Borges, o que, por sua vez, apresenta afinidades eletivas com os outros textos que compõem este dossiê.

Se na linguagem podem se “refugiar verdadeiros monstros para o pensamento”, nos “pontos cegos” dos “interstícios de sinrazón” abre-se a possibilidade de pensar o infinito pela metalinguagem, consolidando um movimento de reduplicação. “Nem o livro nem a areia têm um começo ou um fim” a partir do que mobiliza Borges. O livro, a biblioteca, os labirintos, os lugares fictícios evidenciam o qual instável é o universo criado tal qual nossas palavras. O que dizemos das coisas são apenas metáforas, como

ressalta Oliveira revisitando Nietzsche. “Todos imaginaron dos obras; nadie pensó que libro y laberinto eran um solo objecto” (BORGES, 1994, p.190⁹).

Ao mobilizar o uso narrativo do “infinito”, Oliveira mostra como Borges enfrenta a questão lógico-gramatical, necessariamente, a partir da desestabilização do vínculo entre gramática e lógica no pensamento metafísico presente em qualquer língua. Seja mobilizando o pensamento helenista, seja acionando os paradoxos de Zenão – como o da corrida entre Aquiles e a Tartaruga –, o autor visa a mostrar como as narrativas e experiências em Borges vão em direção às “consequências perigosas” ao pensamento racional, que acaba em aporias e contrapõe a si mesmo via paradoxos. Uma narrativa que faz uso do infinito, gerando uma linguagem que dobra sobre si mesma e, ao assim caminhar, gera um espaço aberto e ilimitado – infinito. Não gratuito, ressaltamos, o paradoxo de Zenão é um paradoxo sobre o espaço, a espacialidade, da impossível restrição e mensura do espaço, que ganha força filosófica e literária nas mãos contistas de Borges.

Allan Jonhnatha de Paula, adentra o Brasil do interior narrado Itamar Rangel Vieira Júnior, por meio do romance *Torto Arado*. Retomando entre outros princípios teóricos, Lélia Gonzalez e suas reflexões sobre Amefricanidade, o autor analisa o romance a partir das ideias de trabalho, vida e natureza e a composição das personagens femininas que narram o romance: Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira. Parte das experiências e vivências das duas primeiras e das narrativas e “olhar em trânsito da encantada que tudo vê e sabe”. Diante de nós se apresenta um romance que retoma o Brasil narrado longe dos centros urbanos, contrapondo-se a tendência da literatura brasileira contemporânea em tomar a urbe como o símbolo da sociabilidade. Aqui o carácter etnográfico do autor, a partir de suas vivências como funcionário do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e acadêmico são tomadas em conjunto com as metáforas da linguagem literária para transplantar uma nova leitura para o mundo rural brasileiro, desmistificando estereótipos e recompondo experiências através de suas próprias crenças e vivências.

Marinês Andrea Kunz e Damodara de Quadro, analisam a construção do eu no Diário de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, refletindo sobre as relações de alteridade evidenciadas na trama narrativa. O diário em seu papel literário, é arte e denúncia social. Nele vemos a subjetividade de sua autora, esse sujeito feminino,

⁹ BORGES, Jorge. El Jardín de senderos que se bifurcan; In: **Ficciones**. Bussière- France: Gallimard, 1994.

mulher negra, que se constitui em suas páginas e nos coloca diante da crítica social. Mulher que não se cala em sua trama e de *Do Quarto de Despejo*, ou seja, de seu lugar de margem, de sujeitos marginalizados por discursos hegemônicos, faz surgir valores estéticos e testemunhais de uma “escrivência mnemônica”, na qual são orquestradas vozes diversas e plurais da favela Canindé.

Natalia Marcelli reflete sobre *O Livro do Bloqueio* de Aliés Adamovitch e Daniil Granin e *A Guerra não tem rosto de mulher* de Svetlana Aleksievitch, referências compostas por relatos das vítimas da Segunda Guerra Mundial, que entrelaçam lembranças e vivências de testemunhas recompondo os fatos históricos por meio da força das narrativas. Segundo a autora, até hoje a cidade de São Petersburgo mostra as cicatrizes históricas da guerra e as mantém vivas em seus monumentos, celebrações e relatos. Se o livro de Adamovitch e Granin inova ao trazer os registros documentais, censurados durante a União Soviética; por outro, Aleksievitch deixa que em suas páginas falem as vozes das mulheres russas, também censuradas por uma escrita majoritariamente masculina. Vozes femininas que atuaram nas linhas de frente durante a Guerra, narram suas memórias e seus traumas individuais, “memórias de um passado que não passa”, conforme as palavras de Seligmann-Silva, citado no artigo, e suas dores coletivas.

Matteo Gigante, aborda o depoimento *Soldados não choram* (2008), redigido pelo jornalista Roldão Arruda para narrar as vivências de Fernando de Alcântara Figueiredo e Laci De Araújo, o primeiro casal assumidamente homossexual no Exército Brasileiro. O artigo propõe questionar mito do heroísmo e a coercitiva construção da identidade masculina a partir do depoimento. Sendo a história do primeiro casal assumidamente homossexual no Exército Brasileiro, “denuncia a homofobia e as práticas arbitrárias, violentas e de teor tirânico, ainda presentes nesta estrutura e na sociedade brasileira”.

Por fim, no último texto que compõe o Dossiê “Recompondo experiências em narrativas”, Carolina Favaretto Santos, Claudia Cristina Ferreira e Marlei Budny dos Santos Souza abordam ações pedagógicas envolvendo multiletramentos e multimodalidade. Em “Por dentro das leis: a temática indígena em Abaré e sua abordagem nas aulas de língua estrangeira/adicional pelo viés da multimodalidade”, as autoras desenvolvem reflexões em torno da legislação a respeito da educação diferenciada – dedicadas a povos tradicionais – e das práticas pedagógicas que acentuam as narrativas por meio do foco em leitura e nas artes de narrativas visuais. As

histórias presentes nas narrativas, por serem concebidas e praticadas enquanto narrativas visuais, são contadas com o uso de imagens, que reclamam por uma atenção dedicada à multimodalidade – às diferentes *mídias* que estão em concomitância. As experiências surgem como pensadas com e pelo espaço da diferença, na medida em que surgem por meio de narrativas que fazem usos de imagens, cuja concepção e práticas consequentes são afins às estabelecidas emicamente pelos diferentes povos. O exercício intercultural, ressaltado pelo artigo, mostra a necessidade de uma pedagogia de multiletramentos aplicada ao texto literário, permitindo experiências pedagógicas diferenciadas que valorizam habilidades linguísticas e sociais de modo crítico, em seus próprios espaços. Ou não menos: recompondo experiências em narrativas com situacionalidade êmica.

Entregamos aos leitores da Revista Entrelaces a possibilidade de, a partir de diversas perspectivas, adentrar nos universos das narrativas, a partir de campos e áreas de pesquisas interdisciplinares, para observar de outro modo as experiências e mesmo as possibilidades de contá-las. O *lumpensammler*, o trapeiro ou o narrador sucateiro (que pode ser o historiador, mas também o antropólogo, o escritor, o pesquisador das letras e tantos outros), lida muitas vezes, com o que não tem nome, com o anônimo, com aquilo que se tentou apagar todos os rastros, o sofrimento indizível. Em seu ofício, “não tem por alvo recolher os grandes feitos. Deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer” (GAGNEBIN¹⁰, 2006, p.54).

Profa. Dra. Cristina Maria da Silva ¹¹

Prof. Dr. Kleyton Rattes Gonçalves ¹²

¹⁰ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

¹¹ Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Letras -UFC. Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP). E-mail: crisrina.silva@ufc.br

¹² Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFC/UNILAB. E-mail: krattes@ufc.br